

A GEOGRAFIA COMO CAMISA DEZ: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO A PARTIR DO ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO

Rafael Freitas Bezerra¹
Zandor Gomes Mesquita²

Resumo: No começo do século XX, o Rio de Janeiro vivenciava a febre futebolística que se estabeleceu no cotidiano carioca em meio a um contexto de transformações urbanas. O futebol, relacionado ao espaço geográfico, pode ser visto como mais um produto dessas alterações, além de ser também um produtor de materialidades e imaterialidades. É pensando nesse viés que este artigo busca discutir como esse esporte produz espacialidades e simbologias, sendo o estádio de São Januário o principal objeto de análise. Através de análises bibliográficas em jornais e revistas do início do século XX, levantamentos iconográficos, trabalhos de campo e entrevistas semiestruturadas, foi possível interpretar o papel ativo que o futebol possui na produção espacial, criando condições para novas dinâmicas e formas, além das especificidades presentes no espaço que São Januário está inserido.

Palavras-chave: Produção do espaço; Futebol; São Januário.

GEOGRAPHY AS SHIRT TEN: AN ANALYSIS OF THE PRODUCTION OF SPACE FROM THE SÃO JANUÁRIO STADIUM

Abstract: At the beginning of the 20th century, Rio de Janeiro was experiencing the football fever that established itself in Rio's daily life amid a context of urban transformations. Football, related to geographic space, can be seen as another product of these changes, in addition to being also a producer of materialities and immaterialities. It is with this bias in mind that this article seeks to discuss how this sport produces spatialities and symbologies, with the São Januário stadium being the main object of analysis. Through bibliographic analyzes in newspapers and magazines from the beginning of the 20th century, iconographic surveys, field work and semi-structured interviews, it was possible to interpret the active role that football has in spatial production, creating conditions for new dynamics and forms, in addition to the specificities present in the space that São Januário is inserted.

Keywords: Space production; Football; São Januário.

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: freitasrafaelbez@gmail.com

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF). Email: zandormesquita@gmail.com

INTRODUÇÃO

Quando, no final do século XIX, adentrou ao território brasileiro um desporto no qual se usavam os pés para fazer mover uma bola, não se sabia ainda o impacto que o tal *football* teria na cultura, na história e no espaço brasileiro. Franco Júnior (2014, p. 367) diz que “[...] não é possível entender esse esporte, das origens até hoje, sem o historicizar”. Complementamos o pensamento dizendo que não é possível entender o futebol sem o historicizar e sem o espacializar.

Tal afirmação deriva do fato de que, ao se explicitar essa relação futebol e espaço, faz-se possível interpretar diversas dinâmicas sociais, econômicas, culturais e políticas de diferentes épocas, além de permitir uma interpretação do cotidiano e da contemporaneidade. Assim, como aponta Murad (2014) nos seus estudos em que vinculam o cinema ao futebol, o entendimento desse esporte vai além das quatro linhas, visto que sua análise permite compreender o país e suas raízes com toda singularidade econômica, política e simbólica, evidenciadas no jogo na forma de torcer e nos estádios.

O futebol, e o esporte de maneira geral, é visto por Elias (1992) como produto e produtor da civilização. Sendo mais específico, tal desporto, a partir de uma análise do espaço, pode ser interpretado como um produto e um produtor de espacialidades. Se determinada forma geográfica relacionada a ele é *produto* de dinâmicas de certa época, ela se apresenta como *produtora* de espacialidades e simbologias a partir de sua conformação.

Essa dinâmica de produção e reprodução – esta a qual será mais aprofundada neste artigo – terá o futebol, mais precisamente o Club de Regatas Vasco da Gama, a partir do estádio de São Januário, como caminho de pesquisa. O objetivo é entender como esse desporto pode produzir espacialidades e simbologias, dentro de um contexto de transformação da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, coincidindo com a afirmação do esporte bretão em terras cariocas.

Para tanto, teremos como base de análise o espaço social de Lefebvre (2006 [2000]), que o entende a partir de uma tríade dialeticamente interconectada: os espaços *concebido*, *percebido* e *vivido*. O *concebido* e o *percebido* serão analisados a partir de uma revisão da bibliografia existente sobre o objeto de estudo, o estádio de São Januário, além da busca em jornais e revistas do início do século XX, a fim de abordar o contexto que antecedeu e sucedeu a construção do referido equipamento esportivo. Tal ação foi realizada a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em que palavras-chave como “Vasco da Gama”, “São Januário”, “*Stadium*” e outras similares foram utilizadas para filtrar a pesquisa.

O espaço *vivido*, por sua vez, foi analisado a partir de entrevistas semiestruturadas com cinco atores envolvidos, de certa forma, com o estádio e o espaço em seu entorno. Essas entrevistas buscaram identificar a influência do estádio no cotidiano desses agentes e a relação que estes possuem com a praça esportiva, ressaltando o caráter simbólico.

A partir de tais metodologias, foi possível notar a força que o futebol possui na conformação de um espaço, seja no aspecto morfológico, seja no aspecto simbólico, o que ressalta a importância de estudos que utilizem o esporte como ferramenta para interpretar a realidade, possibilitando o enriquecimento da ciência geográfica nas análises sobre a cidade e a cultura.

FUTEBOL E ESPAÇO: UMA RELAÇÃO ÍNTIMA

São as pessoas e a vida que dão um sentido para o espaço. Em suas dinâmicas de vivência e experimentações cotidianas, elas o produzem, reproduzem e conformam, promovendo sentidos para o lugar. Assim, o espaço é social e, como tal, pode ser analisado por vários prismas, inclusive tendo como referência a coisa mais importante dentre as menos do mundo: o futebol³. Sociedade e espaço se influenciam mutuamente, onde os hábitos comuns e coletivos, como a prática do esporte bretão, são inseridos na inter-relação de produção e reprodução, possibilitando assim a compreensão de singularidades por meio da análise dessa interação.

Essa especificidade da relação fica evidenciada ao analisarmos a introdução do esporte em terras brasileiras. Nos primeiros anos de sua chegada ao país, no início do século XIX, a execução do futebol era marcada pelas singularidades apresentadas de região para região (MASCARENHAS, 2014). A não homogeneidade da prática futebolística no território nacional derivou do isolamento das diferentes espacialidades que o compunha, marcado por aquilo que Santos (1993) chamava de ilhas econômicas. Sem uma integração interna, muitas localidades do Brasil possuíam maior ligação com outros países do que com outras cidades nacionais, configurando assim um grande arquipélago nacional com esses espaços seguindo lógicas próprias a partir dessa ligação com o exterior e sem integração com os do mesmo território. Dessa maneira, pode-se afirmar que a difusão do futebol foi complexa e acompanhou a “[...] lógica territorial de evolução” (MASCARENHAS, 2014, p. 56).

No Rio de Janeiro, capital do país nesse momento e principal zona portuária, o futebol se difundiu rapidamente em função da intensa conexão desse espaço com o Reino Unido, berço do futebol. Mas essa questão não é exclusiva do Brasil, podendo ser vista em outras cidades portuárias pelo mundo como Gênova (Itália), Rotterdam (Holanda), Bilbao (Espanha) e Bremen (Alemanha), como alguns exemplos na Europa, além de Montevideu (Uruguai) e Buenos Aires (Argentina) na América do Sul. Sobre esse debate enfatiza-se que:

São inúmeros os exemplos de cidades portuárias que, a partir da exibição informal de marinheiros britânicos, tiveram contato precoce com o futebol, quase sempre antes de qualquer outra localidade em seus respectivos países. As zonas portuárias cumpriram papel primordial nesse processo de difusão, mas houve, sem dúvida, outros caminhos, como os investimentos ingleses de ultramar em infraestrutura e serviços urbanos, ou em mineração. (MASCARENHAS, 2014, p. 41-42).

Nesse contexto de consolidação do futebol nos espaços portuários, as cidades apareciam como verdadeiros nós dessa rede, sendo a porta de entrada para o esporte bretão e para demais investimentos do Reino Unido, como a implementação de ferrovias e outros equipamentos por parte do capital britânico. No caso brasileiro, com muitos portos dispersos por seu território e diversos investimentos, diferentes foram essas entradas, fazendo do Brasil um caso peculiar comparado aos seus vizinhos (MASCARENHAS, 2014).

³ A frase “O futebol é a coisa mais importante dentre as coisas menos importantes” é atribuída ao famoso treinador italiano Arrigo Sacchi.

A partir dessas lógicas próprias que atravessavam cada cidade, evocamos um olhar mais atento para a cidade do Rio de Janeiro, onde, no final do século XIX, viu chegar ao seu porto o esporte de origem britânica que rapidamente atraiu o interesse de grande parte da população.

RIO DE JANEIRO E A CHEGADA DO FUTEBOL

A presença de portos era um grande difusor no processo de introdução do futebol em diversas localidades pelo globo. A cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, seguiu caminho semelhante, mas, por possuir uma lógica própria, a adesão do esporte nesse lugar contou com um grau de complexidade considerável.

Com muitas mudanças nas suas estruturas, a cidade carioca dispôs-se de um rápido adensamento populacional na metade final do século XIX. Tendo um aumento considerável do fluxo internacional na capital, os “modismos” europeus, como o futebol, eram vistos com bons olhos pela burguesia local, alinhados com os novos usos que o corpo passava a ter na sociedade. Sobre isso, Mascarenhas (2014) aponta que, em algumas regiões e/ou cidades onde já preexistia uma prática esportiva, o futebol foi adotado sem grandes percalços devido à aceitação prévia da exibição pública do corpo, sendo apenas mais uma modalidade dentro deste contexto.

Além de servir para superar as “barreiras corporais”, outros desportos seriam muito úteis para apropriação do espaço da cidade pelo esporte, em que a exibição pública dos corpos deixava de ser um tabu no Rio de Janeiro e passava a ser moralmente aceito na sociedade. O sedentarismo e o recolhimento em suas casas até o final do século XIX eram vistos como ato de nobreza em contraponto ao esforço físico, ainda muito associado ao trabalho escravo do período colonial. Nesse sentido, o turfe e o remo⁴ – ambos praticados pelas elites – rompem essa visão colonial sobre o uso do corpo por carregar comportamentos considerados elegantes pela elite do período (MASCARENHAS, 2014). Era a virada esportiva que a cidade estava presenciando.

Esse contexto foi importante para a ascensão do futebol como o principal esporte do país. Com as relações comerciais imbricadas entre Brasil e Reino Unido, a ação futebolística foi apropriada pela elite nacional do período. Isso derivou do fato de que os membros das classes dominantes possuíam a vivência desse esporte nos momentos em que viajavam para o continente europeu. Corroboravam para essa situação os altos impostos de importação dos produtos ligados ao futebol (bola, redes, chuteiras etc.), afastando, assim, as classes mais populares (GUTERMAN, 2014). Nesse sentido, o futebol nasce no Brasil como um esporte da elite.

Contudo, gradativamente essa realidade vai-se alterando. De 1895, momento em que Charles Miller⁵ dá o apito inicial para a primeira partida em São Paulo, até os primeiros anos do século XX, o futebol cai no gosto do brasileiro, ganhando cada vez mais adeptos por todo o território nacional. De certo, que nesse momento, a falta de uma forma geográfica específica para a prática do futebol apareceu como um empecilho para sua expansão; no entanto, foram, gradativamente, produzidos e apropriados para sua prática – tanto que os velódromos, local da prática do turfe, foram improvisados como lugares preferenciais para “a bola rolar” por possuírem vasto espaço plano de grama e arquibancadas para o público. Há de se ressaltar

⁴ O remo, inclusive, é o esporte de origem de três grandes clubes da cidade do Rio de Janeiro: Botafogo Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo e Club de Regatas Vasco da Gama.

⁵ Charles Miller é o responsável por trazer o futebol e suas normas, sendo um marco oficial da introdução do esporte no país.

que, por esses dois esportes serem elitistas em tal momento, não havia problemas de compartilhamento desses espaços. O fato foi que o futebol se consolidou como uma prática esportista desenvolvida no território nacional.

Aos poucos, pessoas estranhas às elites se faziam cada vez mais presentes nas partidas, momento em que o funcionamento do jogo parecia ter sido assimilado por esses indivíduos, fazendo com que times e jogadores despertassem preferências e exigências de um jogo bem jogado (GUTERMAN, 2014). O caráter popular do futebol parecia estar nascendo nesse comportamento cada vez mais atuante das pessoas as quais, por via de regra, só deveriam ser meros espectadores. Com essa situação consolidada, sua prática saiu dos lugares de elite e passou a ocupar ruas e terrenos da periferia. A classe popular, então, foi deixando de ser simples expectadora para ser praticante, e era na cidade seu espaço de desenvolvimento. Nas palavras de Aragão (2019, p. 26-27),

Os esportes foram ocupando lugar de maior destaque com o advento da modernidade, e a estrutura da vida urbana recebeu como demanda dessa proliferação esportiva, diferentes tipos de espaços destinados à prática. A proliferação dele no Brasil é concomitante à chegada das ideias modernizadoras vindas da Europa, e só foi possível pelas reformas de infraestrutura na urbanização da cidade (que buscavam enterrar o passado colonial) (p. 26-27).

Essas questões evidenciam o debate de Santos (2017 [1994]) sobre o espaço e a mudança de suas formas pela alteração de suas funções, visto que a cidade precisava se adequar tecnicamente à modernidade que penetrava cada vez mais em seu território. O próprio futebol, como dito, não possuía um local específico para sua prática, sendo utilizadas áreas de forma improvisada e com estrutura precária.

Dentro desse contexto, no início do século XX, diversas foram as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais ocorridas no Rio de Janeiro, capital do país e zona portuária de maior pujança. O futebol é um bom exemplo da mudança cultural no dia a dia da cidade enquanto esse anseio de modernidade predominante na chamada *belle époque* tem forte viés urbano, fazendo com que a localidade seja protagonista das manifestações culturais e artísticas (MALLMANN, 2010).

O formato urbano se tornou foco das mudanças na organização do Rio de Janeiro, principalmente sob a gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906), influenciado pelo francês Haussmann – então gestor da Paris burguesa entre 1853 e 1870 – em que a “europeização” da metrópole era o pilar central da modernização. Uma nova “civilidade” era desejada pela elite; com isso, a maneira de se vestir e de se comportar eram impostas em conjunto com a estrutura repressiva do Estado (MALLMANN, 2010). Nesse contexto, o futebol pode ser visto como um dos primeiros aspectos apreendidos nessa “onda civilizatória” embora a popularização do esporte nas camadas populares já emergisse na primeira década do século XX; desse modo, a ebulição da cidade não permitiu que o futebol se tornasse um privilégio das elites cariocas.

Sendo assim, pode ser apreendido que a tal localidade passava por momentos de reestruturação: o futebol influenciava nas alterações espaciais ao mesmo tempo em que era influenciado pela cidade e por suas dinâmicas comuns e coletivas. O movimento da sociedade é expresso no espaço, torando-se este fruto do comum e coletivo, como aponta Santos (2020 [1985]). Nessa dialética, entende-se o desporto em questão como uma importante fonte de análise da produção espacial, além de auxiliar na interpretação das transformações sociais ocorridas.

A partir desse pensamento que possui o futebol como possibilidade de análise do espaço e da sociedade, abordaremos o Club de Regatas Vasco da Gama e, mais especificamente, seu estádio como referência dessa investigação. Assim, será abordado, nas próximas linhas, um pouco da história do clube, evidenciando a relação direta com as transformações da cidade do Rio de Janeiro, além das singularidades e das espacialidades produzidas.

A ESPACIALIDADE DO FUTEBOL

O Club de Regatas Vasco da Gama surgiu do remo, esporte consolidado no Rio de Janeiro com heranças portuguesas⁶. Dentro dessa inserção europeia na dinâmica urbana carioca, os lusos tiveram participação direta na expansão da malha citadina, onde sua presença em áreas fabris era numerosa, sendo empregados nas fábricas ou, até mesmo, proprietários (MENEZES, 2007). Uma dessas áreas fabris era na região de São Cristóvão, onde futuramente seria o estádio vascaíno. Com uma comunidade de imigrantes considerável, o clube conseguiu uma boa adesão nos seus primeiros anos, conseguindo certo sucesso em sua empreitada no remo. Antes de completar dez anos de existência, o Vasco conseguiu conquistar o bicampeonato carioca nos anos de 1905 e 1906, feito inédito na cidade.

O sucesso vascaíno nas águas culminou em um aumento de investimento, qualificando o quadro de atletas e funcionários. Os portugueses do setor comercial, os quais eram majoritários dentro do corpo social vascaíno, além de auxiliarem na estabilidade política do clube, no pagamento de dívidas e no investimento em embarcações de melhor qualidade, ajudaram a consolidar o Vasco da Gama como o clube da colônia portuguesa (SANTANA, 2021).

Na década seguinte, a nau cruzmaltina continuou a conquistar as águas do Rio de Janeiro, alcançando o tricampeonato entre os anos de 1912 e 1914, além de mais um título em 1919. Porém, outro esporte começava a dividir a atenção da população difundindo-se cada vez mais rápido pela cidade: o futebol.

COMEÇA A PARTIDA: ESPAÇO, FUTEBOL E VASCO

O esquisito esporte praticado com os pés oriundo da Inglaterra se popularizava rapidamente no início do século XX. Este ganhava novos adeptos em um ambiente carioca marcadamente estratificado espacialmente, com zonas divididas a partir de dois eixos: o autossegregado, referente às áreas adjacentes do Maciço da Tijuca, possuindo espaços mais valorizados; e a segregação imposta, referente ao norte do Maciço, “[...] constituído predominantemente por terrenos de urbanização recente e de características rurais” (MATTOS, 2022, p. 3).

O futebol se alastrava por esses dois eixos, sendo incrementado no cotidiano da área mais abastada, como no dia a dia das camadas mais populares. Mattos (2022, p. 4) indica a criação das Ligas Metropolitana e Suburbana, em 1906 e 1907, respectivamente, como um marco da “[...] estratificação do espaço carioca e seus efeitos no futebol”, ficando nítido um “racha espacial” entre as ligas.

Em sua análise da cartografia do futebol carioca nas primeiras décadas do século XX, Mattos (2022) aponta a proximidade de clubes de diferentes perfis próximos uns dos outros graças às contradições do espaço capitalista. O futebol, e o

⁶ O Rio de Janeiro possuía mais da metade dos portugueses radicados no Brasil na virada do século XIX para o século XX, sendo um verdadeiro chamariz para esses imigrantes que fugiam da crise econômica lusitana (OLIVEIRA, 2009), encontrando no comércio a principal ocupação (MENEZES, 2007).

esporte de maneira mais ampla, apresentam aspectos das transformações espaciais e sociais de determinada época.

É o caso dos processos relacionados aos agentes ligados à especulação imobiliária. Mascarenhas (1999) exemplifica casos em Montevideu, no Uruguai, e na cidade de São Paulo, onde terrenos foram cedidos nessas primeiras décadas do século XX para a construção de praças esportivas visando atrair novos moradores. Com a localidade adensada demograficamente, o terreno cedido para a prática esportiva era vendido para alguma indústria que, por sua vez, fazia uso da mão de obra barata ali posta.

Voltando ao Rio de Janeiro, dentro do contexto de estratificação já citado, o Club de Regatas Vasco da Gama é fundado em agosto de 1898, como uma instituição voltada para o remo, esporte que já caía nas graças da sociedade carioca. A partir da popularização do futebol, com clubes e ligas já criados, em 1911, o Vasco cogitou entrar na seara futebolística. Porém, apenas em novembro de 1915 isso se efetiva quando, após uma fusão com o Luzitânia F.C.⁷, o Club de Regatas passa a ser também um clube de futebol (MALAIA SANTOS, 2010).

No dia 3 de maio de 1916, o Vasco jogou e perdeu de 10x1 para o Paladino F.C. O insucesso inicial vascaíno não refletiu o sucesso que o clube alcançou rapidamente nos anos posteriores. Em um período no qual o debate sobre amadorismo e profissionalismo era efervescente, o Vasco recrutava atletas da Liga Suburbana⁸, a qual era alternativa dentro da cidade sem o *glamour* da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT). Esses jogadores, em sua grande maioria, eram negros e operários, fazendo do elenco vascaíno um grande representante popular por conta da sua representatividade (VENANCIO, 2014).

Dito isso, começaram a surgir acusações alegando que os atletas vascaínos eram remunerados⁹, o que era proibido na época, fazendo com que eles focassem somente no esporte, fugindo da filosofia do *sportsmen*, na qual o caráter amador do jogo era fomentado pela elite e defendido pela LMDT. É a partir dessas ainda pequenas acusações que o clube começa a formar um forte elenco no começo da década de 1920. Em 1921, o Vasco terminou em terceiro lugar na série b e, em 1922, conquistou o título, garantindo o acesso para a divisão principal do campeonato carioca.

Na divisão principal, o incômodo dos times da elite tomou proporções ainda maiores. O Vasco solicitou ao Fluminense o estádio das Laranjeiras – até então o maior do país – para mandar seus jogos, abandonando o campo local da rua Moraes e Silva, localizado onde hoje é o bairro da Tijuca, na zona norte da cidade. O motivo era financeiro já que os dirigentes acreditavam que sua torcida ocuparia os 20 mil lugares disponíveis no estádio. Essa foi mais uma atitude que incomodou os grandes clubes da cidade, sendo levada quase como um desafio um clube estreante na divisão principal querer jogar no maior estádio do Brasil (MALAIA SANTOS, 2010).

Essa questão dos estádios é um fator interessante para se analisar dentro de um prisma geográfico. O processo de expansão do futebol pela cidade, e dos próprios clubes, precisava ser acompanhado pela forma geográfica de prática do esporte. O Vasco, com cada vez mais associados e simpatizantes, necessitava

⁷ O Luzitânia era um clube da cidade que já praticava futebol e passava por dificuldades financeiras. Como o nome sugere, também possuía forte influência portuguesa.

⁸ O crescimento da liga suburbana no cenário futebolístico do Rio elucidado como o futebol adentrou com força nas camadas populares.

⁹ A discussão sobre amadorismo e profissionalismo no futebol é extensa e complexa e não é nosso objetivo esmiuçar o tema. Guterman (2014) e Santos (1999) são boas fontes de consulta para melhor entendimento sobre esse belicoso momento do futebol nacional. O caso do Vasco, em particular, é mais detalhado por Malaia Santos (2010).

mandar seus jogos em um local propício para tal público dentro de uma perspectiva econômica que possibilitaria o aumento do lucro do clube.

A popularização do futebol trazia consigo a demanda de adaptações dos seus espaços graças ao aumento de adeptos, saindo de um esporte de nicho da elite, pelo menos nas grandes conquistas, e chegando às camadas mais populares. Essa tendência era vista na cidade do Rio de Janeiro como um todo, como a popularização da Liga Suburbana demonstrava, além da própria necessidade vascaína, o que resultou em movimentações para a construção de uma praça esportiva que suportasse tamanho crescimento e procura de seus adeptos.

A FORMA GEOGRÁFICA DO FUTEBOL: ESTÁDIO

A demanda do clube vascaíno de ter um equipamento próprio para a prática do futebol era notória. No entanto, foi através de uma queda de braço na política futebolística do Rio de Janeiro que essa necessidade cruzmaltina se põe em primeiro plano.

Com a conquista de um clube fora do eixo central das elites cariocas em 1923, os principais clubes representantes dessa classe dominante se organizaram e criaram, em 1924, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). A AMEA foi fundada por Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu e, em suas ações, demonstrava insatisfação com a gestão da Liga Metropolitana. Tal situação estava ligada, em certa medida, à ascensão do Vasco e à sua remuneração aos seus atletas. Como forma de tentar driblar essas questões, a AMEA buscava reunir apenas os clubes da elite – com exceção do Bangu – e, assim, disputar um campeonato paralelo ao da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) (VENANCIO, 2014).

Esse objetivo ficava claro pela série de medidas que foram implementadas pela AMEA, principalmente as que visavam dificultar a inserção de clubes – em especial o Vasco da Gama – nessa nova liga mais elitizada. Em um trecho do jornal *O Imparcial*¹⁰, o então dirigente do Fluminense Mario Pollo menciona a falta de estrutura dos clubes menores, além de exaltar a cultura do corpo, numa nítida distinção social da prática esportiva demonstrando apreensão dos clubes tradicionais em torno dos menores sem estrutura (O DR. MARIO..., 1924).

A desfiliação dos clubes da LMDT e a ida para a AMEA foram acontecendo de maneira contínua. Com os principais clubes da cidade em um determinado campeonato, era evidente que a outra competição cairia em descrédito, sendo menos coberta pela mídia, diminuindo os recursos financeiros e afetando diretamente a economia dessas equipes.

Nesse sentido, o Vasco, com alguns conflitos internos¹¹, decidiu optar pela desfiliação da LMDT, visando à inserção na AMEA. Porém, esta possuía critérios rigorosos para a aceitação de membros, sendo um deles a obrigatoriedade de posse de praça esportiva, o que impossibilitava o clube vascaíno de entrar na Associação.

Contudo, não era só a questão dos estádios que dificultava a inserção vascaína nessa nova entidade. A AMEA exigia a predominância do caráter amador, ficando proibido qualquer tipo de remuneração, além de impedir a inscrição de atletas que possuíam qualquer tipo de atribuição braçal e dos que não sabiam ler e escrever. Esse caráter elitista da associação buscava asfixiar clubes que seguiam a mesma tendência vascaína.

¹⁰ Coluna do dia 22 de fevereiro de 1924.

¹¹ Para saber mais sobre os conflitos internos vascaínos, ler Malaia Santos (2010).

Mesmo com esses pontos evidenciados, o Vasco inscreveu todos os seus atletas que estavam há alguns anos na equipe. A AMEA, de prontidão, recusou a inscrição de 12 deles (MALAIA SANTOS, 2010). Insatisfeito, o Vasco da Gama, através de uma carta redigida pelo então presidente do clube José Augusto Prestes, divulgou a “Resposta Histórica”, publicada no jornal *O Paiz* no dia 16 de abril de 1924¹², na qual o clube defendia de maneira pública seus atletas, enfatizando um caráter popular que se constituía (PRESTES, 1924). Estando fora da AMEA e regressando para a LMD, o clube cruzmaltino conquistou em 1924 o campeonato da liga que, naquele momento, possuía menor prestígio

Dividido em duas ligas, o futebol carioca passava por momentos de prejuízo financeiro. E o que poderia ajudar nas contas desses clubes? A torcida do Vasco. Lotando estádio em jogos como mandante ou visitante, a torcida vascaína não se importava com o menor prestígio que a LMDT possuía perante a imprensa.

A partir disso, a própria mídia carioca relatava a forte presença da torcida cruzmaltina. O Vasco, então, passou a ser sinônimo de lucro e é dentro dessa lógica capitalista, na qual rendas significativas em jogos do clube passaram a chamar a atenção, que a abertura da AMEA para o clube, recusado outrora, poderia ser vista como um alívio financeiro para os clubes excludentes.

Todavia, como esse futuro foi concebido, posteriormente percebido e vivido? Como o clube, em dado contexto, se preparou para a construção da sua praça esportiva e como essa praça esportiva foi apreendida simbolicamente – e materialmente – dentro da cidade do Rio de Janeiro? A partir dessas questões que a tríade lefebvriana se apresenta como possibilidade de análise, ajudando na compreensão e auxiliando na interpretação da realidade social dentro de suas contradições.

¹² A resposta do clube para a AMEA ganhou popularidade, sendo exposta em um espaço privilegiado ao lado de seus principais troféus dentro do seu estádio nos dias atuais, além de virar referência para músicas da torcida nas arquibancadas.

A CONCEPÇÃO DE SÃO JANUÁRIO

Buscando analisar a participação de São Januário na produção espacial do espaço, as três dimensões dialeticamente interconectadas de Lefebvre (2006 [2000]) se apresentam como possibilidades de interpretações. O autor supracitado (LEFEBVRE, 2006 [2000]) elabora sua tríade analítica a partir da “prática espacial”, das “representações do espaço” e dos “espaços de representação”. Seriam esses, então, os espaços *percebido*, *concebido* e *vivido*.

A representação do espaço parte de uma orientação pré-determinada, tendo como referência leis e normas, em busca de estabelecer uma visão criada em torno desse lugar. Assim, os espaços de representação se apresentam como uma inversão terminológica da concepção espacial, na qual a dimensão simbólica é analisada e a significação é colocada em primeiro plano (LEFEBVRE, 2006 [2000]).

Essa proposta de Lefebvre (2006 [2000]), em que a significação espacial e o simbólico ganham notoriedade, segundo Schmid (2012), é de uma fenomenologia materialista na qual os três campos de interpretação são dialeticamente interconectados sem ocorrer um favorecimento de um em relação ao outro; possuindo assim, uma importância similar e fazendo com que a existência de um sem a presença dos outros dois se torne apenas uma abstração.

Partindo das ideias de Lefebvre (2006 [2000]), o espaço é ao mesmo tempo concebido (previamente pensado), percebido (aspecto perceptível por meio dos sentidos) e vivido (onde a vivência no cotidiano no lugar são postas). O *concebido* seria a ideia inicial em cima desse espaço, isto é, a forma como os responsáveis pela construção de São Januário pensaram no momento de idealização do estádio; o *percebido* é parte de como é possível interpretar essa área, analisando São Januário dentro da dinâmica espacial ali presente; o *vivido* seria a vivência dos atores no cotidiano, onde o dia a dia, em torno da figura central do estádio, é explorado. Essa tríade lefebvriana é o caminho escolhido para retratar as dinâmicas espaciais, pois auxiliará na interpretação da concepção do estádio, além de dar ênfase nos vínculos sociais envolvidos à dinâmica espacial do local.

No entanto, além de o espaço ser concebido, percebido e vivido, ele também é inacabado, pois se torna produzido continuamente, fazendo com que a relação com o tempo esteja sempre em evidência (SCHMID, 2012). Essa ideia de “inacabamento” explica as próprias mudanças ocorridas ao longo das décadas e apresenta o devir como algo construído diariamente, num eterno movimento.

Um ponto importante do pensamento lefebvriano é que ele permite “[...] ir além da filosofia e da teoria e alcançar a prática e a ação” (SCHMID, 2012, p.107). É nesse sentido que se buscará incorporar a teoria social do espaço neste presente trabalho, evidenciando as práticas e as ações em torno do estádio de São Januário na produção espacial, além de apreender o caráter simbólico.

Para falar da concepção de São Januário é preciso voltar ao contexto. Esportivamente e financeiramente, o clube vascaíno começara a possuir reconhecimento perante o cenário esportivo da cidade carioca. A campanha vitoriosa e a grande participação da torcida nas rendas dos jogos, fazia do Vasco um novo protagonista no futebol do Rio de Janeiro. Contudo, o clube necessitava de alavancar suas estruturas a fim de acompanhar todo esse crescimento, largando a vida de aluguel e buscando a sonhada casa própria.

Em março de 1924, o Conselho Deliberativo do clube autorizou um empréstimo no valor de 2.000:000\$000 (dois mil contos de réis), iniciando, pelo

menos oficialmente, os esforços da cúpula cruzmaltina para a construção da sua praça esportiva. Além do empréstimo, outros pontos importantes foram postos em prática a fim de conseguir a materialização da praça esportiva: como o aumento nos preços dos ingressos nos jogos vascaínos e um esforço dos associados na arrecadação (MALAIA SANTOS, 2010). Tais medidas foram aceitas pela torcida, visto o aumento do quadro associativo do clube – tornando-se um dos maiores da cidade –, evidenciando a construção do estádio como uma necessidade.

A movimentação de diretoria, sócios e torcida, de maneira geral, fizeram com que o Vasco da Gama conseguisse adquirir um terreno na rua São Januário, no bairro de São Cristóvão. Mas por que São Cristóvão? O que fez o clube escolher tal localidade? O bairro imperial, assim conhecido por conta da estadia da Família Real no século XIX, possuía uma infraestrutura avançada para a época, vista a adequação da localidade por conta da chegada da nobreza portuguesa, fato que fez o bairro ter sistemas de água e iluminação em melhores condições se comparados a outros bairros, além de novas avenidas construídas (MATTOS, 2019).

Indo de encontro a tais condições, Abreu (2006) aponta São Cristóvão, junto de Botafogo, como bairro com maior quantidade de moradores abastados no quarto final do século XIX. Na última década do século, era iniciada uma movimentação das unidades industriais para o bairro imperial, com destaque para fábricas de velas, perfumaria e ramos da indústria têxtil. Com a Proclamação da República, tal processo foi acentuado, acarretando na ocupação de outras indústrias nos casarões do bairro enquanto a elite local se deslocava para a zona sul da cidade carioca (ABREU, 2006).

Essa mudança na forma de ocupação do bairro é um ponto importante para entender a nova dinâmica presente que se iniciava. Corrêa (1994) nos chama a atenção para como a criação de núcleos urbanos e/ou o desenvolvimento de determinadas funções urbanas são atreladas a uma atividade econômica em especial. Nesse sentido, o desenvolvimento de São Cristóvão advém muito dessa atividade têxtil/industrial, fazendo com que a ocupação no começo do século XX fosse mais instantânea, sendo intensificada após a construção do estádio. Porém, antes mesmo da obra, a região já demonstrava ser um atrativo para novos moradores, principalmente os proletários.

Entre o final e o início dos séculos XIX e XX, respectivamente, a população do bairro dobrou, saindo de 30 mil para quase 60 mil pessoas em 1920 (MATTOS, 2019), números consideráveis para a época. Esse crescimento populacional expressivo, além das condições urbanas já ditas anteriormente, tornou-se um chamariz para a ida do clube para o bairro.

Entretanto, o futebol já se encontrava em um estágio mais avançado na cidade, por isso, seria impossibilitada a realização de um jogo da divisão principal do Rio de Janeiro em um terreno sem as instalações necessárias. Ou seja, era o passo da construção do estádio que faltava. O clube, então, voltou a se apoiar na sua popularidade e na forte participação da sua torcida para, no dia 4 de março de 1926, publicar uma carta no jornal *O Imparcial*:

Campanha dos 10.000 — Consocio.

[...] Todos os vascaínos têm conhecimento de ter o Conselho Deliberativo autorizado a directoria a suspender a joia para a entrada de novos socios durante os proximos meses, por isso, ao lembrar-lhes esse facto, venho appellar para todos os que se interessam pelo progresso do Vasco que envidem todos os esforços no sentido de podermos attingir a cifra dos 10.000, numero este que não será

difficil conseguir, bastando que cada associado proponha no minimo dois novos socios. A situação do Vasco, que ora se encontra no momento em que tem de pôr á prova o seu proprio valor e, portanto, o dos seus componentes, exige que alguma coisa se faça que demonstre de uma forma indiscutivel o que, tambem, materialmente, elle vale e representa. As obras que tomou o encargo de executar, que mais são impostas pela necessidade que tem de acudir ao preparo dos seus numerosos atletas que pela necessidade de fazer obras sumptuosas, obrigam a contrahir responsabilidades taes que só o esforço conjugado de todos os socios, pôde superar e vencer. É, pois, sob a sciencia das considerações acima, que nos dirigimos ao digno consocio exortando-o a que collabore com a directoria do Vasco no trabalho afanoso de tornar este centro de desportos o mais completo, adequado e util, erigindo-o, assim, em pioneiro destemeroso da grande causa desportiva. Pelas gravuras que constam da presente pode o digno consocio avaliar das obras que se projectam cujo inicio já foi solemnisado com o hasteamento do nosso pavilhão no terreno adquirido e consequente nivelamento e preparo deste para receber os alicerces respectivos. Junto seguem duas propostas para que se signe completal-as com a indicação de igual numero de futuros vascaínos. (*O Imparcial*, 4 de março de 1926).

O manifesto intitulado *Campanha dos 10.000* visava a uma associação em massa a fim de arrecadar recursos para a construção do estádio vascaíno. É possível perceber a utilização de frases como “progresso do Vasco”, “de pôr à prova o seu próprio valor” e “esforço conjugado”, trazendo a demanda de uma grande movimentação por parte de seus simpatizantes. O sentido de melhoria e progresso do clube cunhava-se a partir da materialização do seu estádio acompanhado pelos seus simpatizantes, ilustrado pela associação de 1.303 sócios em 62 dias.

De campanha em campanha, o montante vascaíno era aumentado, fazendo com que a construção do estádio deixasse de ser um sonho e se tornasse algo factível. Com o lançamento da pedra fundamental em 6 de junho de 1926 e o início das obras, a praça esportiva vascaína parecia ser questão de tempo.

O espaço de representação vascaíno visava não só a atuação da equipe em uma praça esportiva própria, mas também possuía uma certa necessidade de demonstração de grandeza. Nesse sentido, apoiava-se em um bairro com uma estrutura considerável para a época e nascia como uma demonstração de modernidade dentro de um discurso nacional que fazia eco.

Com a necessidade da construção do estádio para assim se consolidar na elite futebolística, aliado ao sucesso esportivo e à gana da cúpula de dirigentes e associados, o clube inaugurou seu estádio logo no ano seguinte, no dia 21 de abril de 1927. O estádio Vasco da Gama em seu primeiro dia oficial contou com a presença do então Presidente da República Washington Luís. A construção foi considerada como uma das principais obras de engenharia do começo do século XX, fazendo do estádio de São Januário – assim conhecido por estar localizado na rua homônima – o maior estádio da América Latina¹³, superado apenas pelo estádio do Centenário, em Montevideú, em 1930, e no Brasil pelo Pacaembu, inaugurado em São Paulo no ano de 1940.

Porém, nem tudo são flores na vida vascaína. Cerca de 30 mil pessoas assistiram ao duelo contra o Santos Futebol Clube, equipe de São Paulo, que

¹³ O Estádio de São Januário ainda é nos dias atuais o maior estádio privado do estado do Rio de Janeiro.

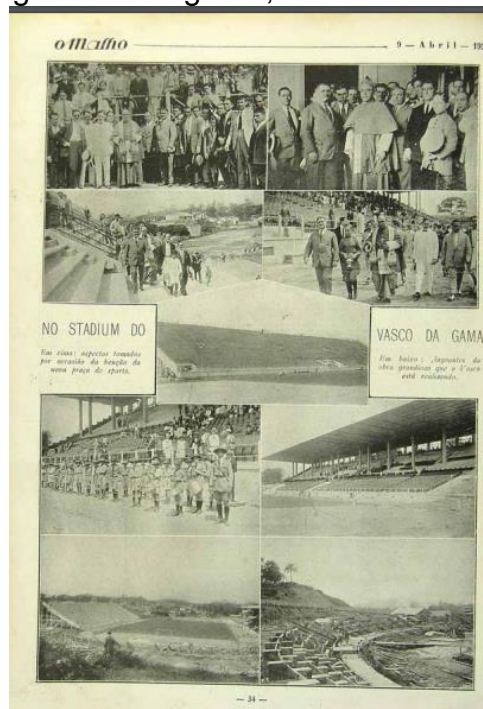
venceu o confronto por 5x3. A partida em si e os acontecimentos dentro dos 90 minutos não eram os principais atrativos, como se pode visualizar na reportagem do *Jornal do Brasil* no dia seguinte ao jogo (figura 1), dia 22 de abril de 1927. Cabe frisar que o estádio foi inaugurado sem a construção estar totalmente finalizada, estando a arquibancada em curva atrás de um dos gols não concluída, como pode ser visto em imagem da revista *O Malho*, dias antes da partida inaugural (figura 2).

Figura 1. Manchete “grandiosa”



Fonte: *Jornal do Brasil*, 22 de abril de 1927.

Figura 2. Inaugurou, mas não acabou



Fonte: *O Malho*, 9 de abril de 1927.

AS REPRESENTAÇÕES DO “GRANDIOSO STADIUM”

A partir de sua inauguração, São Januário se consolidou no imaginário da população carioca. Produto das dinâmicas sociais da época, o estádio seria, a partir daquele momento, produtor de espacialidades, portanto um (re)produtor, atraindo centralidade e tornando-se palco de diversas atividades que não se limitavam ao futebol ou a qualquer outra atividade esportiva.

As representações do estádio durante a primeira metade do século XX sempre foram alinhadas à sua grandiosidade. São Januário superou o até então maior estádio da cidade, as Laranjeiras, provocando uma ruptura na lógica futebolística vigente até tal ocasião. Ambos os estádios adquiriram forte caráter simbólico, sendo as Laranjeiras um símbolo da era amadora e/ou aristocrática, situado em área nobre da cidade e construído para o Sul-americano de 1919, enquanto São Januário era o marco da popularização do esporte, localizado em um bairro da zona norte carioca (HOLLANDA, 2014).

A indústria têxtil, a qual até 1927 era a força majoritária na produção daquele espaço, começava a dividir esse protagonismo com o estádio, fazendo aumentar o fluxo de pessoas mesmo que fosse em caráter provisório (nos dias de jogos). O estádio representava o futuro de São Cristóvão, este o qual possuía lugares inabitados que poderiam envolver-se em uma nova dinâmica. Essa transmutação do bairro encontrou uma figura importante, o Presidente Getúlio Vargas, responsável pela coexistência do futuro e do passado. Isso ocorre de maneira direta e indireta.

Considera-se indiretamente devido à política de substituição de importações que incentivou a consolidação do parque industrial nacional, com o Rio de Janeiro, capital do país, sendo beneficiado pelo financiamento estatal. O Rio, junto de São Paulo, concentrava mais da metade da produção industrial nacional. Nesse sentido, a cidade carioca se beneficiava dessa centralização fabril, sendo contemplado com altos investimentos do governo federal em sua indústria de base, diferentemente da cidade paulista, que possuía menor dependência do investimento público (ROSENDO, 2008). No que tange à maneira mais direta, Getúlio fez uma doação para a Igreja Católica na década de 1930 com o intuito de que casas populares fossem construídas na localidade para moradores desapropriados de terrenos da zona sul, entretanto, uma colina¹⁴ precisou ser demolida para a construção das casas (SCHMIDT, 2017).

A ocupação do espaço fez-se de maneira similar ao que acontecia no Rio de Janeiro como um todo: famílias humildes, sem lugar para morar, ocupavam espaços de moradia de maneira desordenada. A habitação na área foi aumentando e encontrou uma barreira como limite de crescimento, a qual dá origem à designação da favela que tem nome de time: a Barreira do Vasco.

Nota-se que a percepção dessa área, já na década de 1930, é vinculada diretamente ao Vasco da Gama a partir de sua praça esportiva. A nomenclatura da favela relacionada ao clube evidencia como a instituição já carregava consigo um caráter centralizador nas representações da determinada área. Além desse fato, São Januário centraliza diversas manifestações políticas, artísticas e culturais nos anos subsequentes. Por ser o maior estádio do Brasil, localizado na então capital federal, o lugar torna-se um grande eixo gravitacional das ações populistas de Getúlio Vargas, fazendo do estádio seu principal palanque.

¹⁴ A origem do apelido gigante da colina deriva dessa colina onde hoje a favela da Barreira do Vasco está localizada.

Entre as décadas de 1940 e 1950, Vargas promoveu diversas cerimônias e atos no estádio. As festividades foram marcantes e auxiliaram o então presidente a se aproximar das camadas populares. Em 1940, ocorreu a primeira solenidade no estádio, onde cerca de 40 mil pessoas¹⁵ foram testemunhas da assinatura do decreto-lei nº 2.162 promulgando as leis trabalhistas, fato que fez o clube confeccionar uma placa a qual se encontra nos dias de hoje na tribuna de honra do estádio, como pode ser visto na figura 3.

Figura 3. Getúlio Vargas em São Januário



Fonte: próprio autor (2022).

A presença de São Januário no imaginário carioca é tão forte que superou a relação que possuía com o governo varguista, sendo ainda um local de manifestações políticas, mas também sendo um espaço multiuso – bem antes das arenas multiuso do século XXI. A forma São Januário, pensada para o futebol e nascida de uma carência de um clube, ganhou proporções maiores que o imaginado e sua função foi-se adequando ao uso social. Na década de 1940, dois desfiles de escolas de samba realizaram-se no estádio, mais precisamente em 1943 e 1945, quando ambos os carnavais foram vencidos pela Portela, tradicional escola de samba de Madureira. Do mais erudito ao maior festejo popular, o estádio tinha suas portas abertas para a população carioca e, em 1940, recebeu um concerto do maestro Heitor Villa-Lobos, reunindo cerca de 40 mil pessoas no estádio. Nesse sentido, a década de 1940 consolidava tal lugar no imaginário carioca como uma grande forma da cidade, sendo esses eventos provas cabais da importância da

¹⁵ Segunda edição do *Jornal do Brasil* do dia 3 de maio de 1940.

praça esportiva para a dinâmica cultural do Rio de Janeiro e do Brasil. Seu pluralismo político foi reforçado em 1945, quando o Partido Comunista Brasileiro atraiu 100 mil pessoas para um grande comício no estádio.

Em 1950, foi inaugurado o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, popularmente conhecido como Maracanã, construído para a Copa do Mundo do mesmo ano. Hollanda (2014) aponta que era necessário superar as limitações simbólicas de um estádio ora associado a um clube, ora a um governo específico. No entanto, é possível identificar pela diversa gama de atividades realizadas, que São Januário não era sinônimo do governo varguista, e sim um significativo palanque na cidade carioca, atraindo os grandes eventos de diferentes vieses.

De toda forma, com a construção do Maior do Mundo – o Maracanã –, São Januário deixa de ser o grande cenário esportivo, cultural e social da cidade, ficando em segundo plano nesse contexto. Durante a segunda metade do século XX, o estádio ainda recebe alguns concertos musicais, além de ser palco de grandes conquistas do clube vascaíno.

No final do século XX, mais precisamente em setembro de 1998, foi criado o bairro Vasco da Gama (decreto-lei nº 2.672), com São Januário localizado de maneira central no referido bairro. Em uma ação política a qual se aproveitava do centenário da instituição e do sucesso esportivo – o Vasco se sagrou campeão brasileiro um ano antes e campeão da Copa Libertadores no fim de agosto –, o bairro buscava homenagear o clube centenário, revelando a centralidade geohistórica do clube, a partir de São Januário, para tal área.

De batismo para uma favela até a criação de um bairro com seu nome, o Vasco da Gama atravessou e atravessa as dinâmicas do espaço em que se situa para além do viés esportivo, sendo forte fator econômico, social e cultural. Imagens com símbolos do clube estão presentes em diversas paisagens do bairro e da favela, confirmando sua atuação na produção espacial de maneira morfológica e simbólica.

Concebido para superar, com “grandiosidade”, a barreira introduzida pela elite futebolística da época e percebido como grande forma geográfica na cidade do Rio de Janeiro, São Januário se estabeleceu como um importante estádio da cidade e do país, superando a esfera esportiva e se consolidando no imaginário carioca como palco de atividades socioculturais.

Captando centralidade nesse processo de produção e reprodução espacial, a vivência em torno dessa forma geográfica se apresenta de maneira singular. Os espaços de representação, assim, são vivenciados pelos atores presentes no cotidiano desse bairro e dessa favela que são influenciados pelo clube e seu estádio ao mesmo tempo em que influenciam nas dinâmicas socioespaciais.

VIVENDO EM VOLTA DE UM CLUBE DE FUTEBOL

As relações comuns e coletivas moldaram e moldam todo o bairro Vasco da Gama, trazendo nelas forte carga de simbolismo. O espaço contém, implica e dissimula vínculos sociais (LEFEBVRE, 2006), a partir de um conjunto de relações entre coisas e pessoas, fixos e fluxos, ações e objetos (SANTOS, 2017 [1994]). Por essa perspectiva, o lugar é vivido, o que se caracteriza pelas ações dos seus habitantes, usuários, artistas.

Matias (2016) enfatiza como o espaço dominado pode se modificar e se apoderar, ocorrendo a ligação imediata entre o *concebido* e o *percebido*. Segundo o autor, “[...] o espaço vivido é aquele onde as transformações, os conflitos e as revoluções acontecem; onde se pratica e se nega o percebido, onde se pode adotar

práticas concebidas ou não” (MATIAS, 2016, p. 163). Para analisar esse espaço vivido, é preciso adentrar a ótica do ser que vive e está inserido na lógica analisada. O ser que sente, respira e pulsa essa área, entendendo seus vínculos com o lugar representado. O cotidiano, assim, influencia essas pessoas no seu modo de ver e pensar essa superfície ao mesmo tempo em que esses habitantes influenciam o cotidiano com sua forma de ocupar e viverem no dia a dia.

Essas pessoas possuem visões do mundo as quais, segundo Tuan (1974), são experiências conceitualizadas – pessoais e sociais – medidas por suas relações econômicas, culturais e políticas. Ou seja, o corpo social costuma influenciar diretamente nas visões do mundo que as pessoas possuem. Assim, aquilo que é concebido é perpassado pela vivência, na qual diversas perspectivas existem sobre aquilo que se vê. Com isso, a paisagem é constituída por diferentes relações que interagem e se conformam e vivida de diferentes maneiras a partir de distintas interrelações comuns e coletivas que integram o modo de viver de determinado indivíduo e/ou grupo.

Tendo essas questões em vista, para compreender como São Januário se faz presente hoje na paisagem, há de se ressaltar o aspecto do *vivido*. Assim, o método escolhido para assimilar a vivência desses habitantes e usuários é o da entrevista semiestruturada, entendendo que esse modelo explora e compreende diferentes pontos de vista inseridos num contexto (FRASER; GONDIM, 2004). Além de abordar a visão desses personagens em torno do espaço social de São Januário, a ideia é compreender as motivações, os significados e os valores, dando holofotes para a perspectiva desses atores (FRASER; GONDIM, 2004).

É importante salientar que a entrevista, assim como a pesquisa qualitativa de forma geral, busca uma compreensão parcial de uma realidade multifacetada, na qual a ação humana ganha destaque e busca compreender realidades particulares em um contexto complexo, no qual a realidade e os atores sociais passam por um processo mútuo de influência (FRASER e GONDIM, 2004). Para esse propósito, foram entrevistados cinco atores, sendo estes personagens diversos. Todos moram e vivenciam o bairro e a favela há tempos consideráveis, alguns possuindo negócios na região e outros apenas moradores.

Os cinco entrevistados possuíam a similaridade de não terem nascido na região, oriundos de um fluxo que os levaram até o bairro. Nesse sentido, podemos interpretar o bairro possuidor de uma força de atração, a qual não sabemos seu real nível, mas que, de certa forma, não deixa de existir. O principal objetivo das entrevistas foi de analisar a percepção desses agentes, além de salientar a simbologia do estádio e do bairro perante os atores. Quando é perguntado “Qual bairro o senhor/a senhora mora?”, busca-se a problematização da criação do bairro em 1998 e como a nomenclatura desse “novo” bairro é recebida por esses atores. Se a resposta é “Vasco da Gama”, entendemos a aceitação do bairro criado em 1998, ou a chegada do agente pós o ano citado. Se a resposta é São Cristóvão, entendemos que a tensão existente ainda não foi superada, resistindo um afeto, fato que ocorreu com um dos entrevistados, que ao discutir sobre tal nomenclatura, disse que o bairro Vasco da Gama seria “coisa de Eurico Miranda”¹⁶.

Em outro ponto da entrevista buscou-se a singularidade na relação dessa pessoa com o estádio, sendo explorada a quantidade de anos que o entrevistado/a entrevistada se relaciona com São Januário e a percepção que eles possuem das mudanças na paisagem ao longo dos anos. A vivência é analisada a partir de

¹⁶ Eurico Miranda foi um importante dirigente do Vasco da Gama, sendo presidente do clube nos anos 2000 e atuante em vários postos administrativos desde os anos 1960.

perguntas que questionam a influência de São Januário na dinâmica local e a presença de benefícios e malefícios de tal lugar para o cotidiano, além da resolução de como o estádio é visto no dia a dia desses moradores.

As respostas seguiram uma linha de valorização de São Januário, ressaltando beleza, afeto, fluxo de pessoas e aspectos econômicos como fatores que receberam destaque. Um dos entrevistados diz que o Vasco foi a principal causa da mudança de sua família para o bairro, sendo o clube uma grande figura no cotidiano, onde a filha faz aulas de natação, e o lado afetivo é exaltado:

Aparece em tudo. Quando vou levá-la para a escola, faço questão de pegar o ônibus em frente ao estádio. Eu posso pegar em outro lugar, próximo à minha casa, mas faço questão de pegar na porta do estádio, ou faço questão de levá-la para passear na frente do estádio. Sempre faço questão de estar sempre entrando no estádio com ela. Estar sempre dando alguma coisa em um jogo, um jogo de juniores ou um jogo de futsal. Faço sempre questão de estar levando ela (sic.) pra (sic.) lá. Estar sempre ambientada lá dentro. Isso faz parte do nosso dia a dia sempre (Entrevistado B).

Lefebvre (2006 [2000]) aponta que os espaços de representação, onde o vivido é incorporado no cotidiano, absorvem complexos simbolismos. É esse simbolismo que o entrevistado B e sua família trazem consigo na socialização deles com o bairro, o estádio e o clube diariamente. Esse diálogo com o lugar encontra na simbologia o grande norteador para as ações de B no seu cotidiano. Além dele, o entrevistado D também afirma ter São Januário como o motivo principal pela mudança, além da facilidade de acesso para outros pontos da cidade.

Esse afeto demonstrado pelos entrevistados ao espaço e à paisagem vai de encontro ao que Tuan (1974) conceituou como *topofilia*. Segundo o autor, *topofilia* configura-se como “[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar” (TUAN, 1974, p. 5), sendo *concreto* e *vivido* como experiência pessoal em tal localidade. A intensidade dessa topofilia é demonstrada de muitas formas, como o sentimento de orgulho desses entrevistados ao falarem do estádio.

Buscando entender um pouco mais dessa relação do estádio com a vivência dos entrevistados e com o futebol, elaborou-se uma pergunta que tinha como finalidade entender a percepção deles sobre os dias de jogos. De uma entrevista para outra, a pergunta foi um pouco modificada de acordo com as respostas dadas anteriormente, porém a ideia central era entender qual o impacto dos dias de jogos em São Januário na lógica do bairro e no cotidiano dessas pessoas.

Através dessas respostas, pudemos ter uma dimensão de como as dinâmicas em torno do estádio de São Januário ultrapassam a esfera futebolística e esportiva. Os aspectos econômicos, culturais e sociais são atravessados pela presença dessa forma geográfica, algo bastante contundente nos dias de jogo. Além do marco esportivo e cultural, São Januário aparece como meio de subsistência para muitas pessoas, sendo um ativo econômico de maneira direta para muitos moradores da região.

Além desse viés econômico, pudemos observar que a relação dos moradores com o estádio possui uma grande carga simbólica em que a beleza da construção e toda sua representação são evidenciadas a cada fala. Desse modo, o entrevistado C configura-se como uma bela representação dessa simbologia. O entrevistado fez questão de reafirmar, mais de uma vez durante a entrevista, não ser torcedor do Vasco, o que não o impediu de dizer que gosta muito do estádio e que é muito

bonito, que fica “[...] tranquilo aqui perto do Vasco” e que o clube é importante para o bairro.

Todo esse vínculo vivenciado por esses moradores reafirmam o espaço percebido através da ida ao campo. O estádio de São Januário e o Vasco se condicionam ao papel de centralidade morfológica e simbólica do bairro e são condicionados por ele, presentes na constituição da paisagem e também no caráter simbólico guardado na memória do morador. Se, no começo dos anos 2000, o bairro Vasco da Gama e sua criação eram vistos como uma mera ação política sem muita influência direta no pensamento cotidiano – mas que já carregava 81 anos de prestígio –, hoje o bairro carrega consigo uma consolidação simbólica e afetiva, fruto de toda relação com o lugar, com o qual se reafirma a territorialidade do clube, mesmo sendo oriundo do centro da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a produção social do espaço a partir de uma forma geográfica é considerar esse objeto como um produto e como um produtor de lugares e sociabilidades. Então, tal espaço é produto, meio e condição para as relações comuns e coletivas, tornando-se influência ao mesmo tempo em que é influenciado pelos movimentos da sociedade.

Essa atuação mútua do espaço social pelos movimentos da sociedade possui no futebol um nítido exemplo. Esse esporte que chega ao Brasil no final do século XIX se estabelece em cidades com zonas portuárias dinâmicas, em especial no Rio de Janeiro, principal ponto de conexão do país com o mundo. Mas não só em terras fluminenses ele se consolida. Dadas as características do território brasileiro naquele contexto, o futebol vai-se estruturando e formando espaços em diferentes partes do país, refletindo a característica das ilhas territoriais que se conectavam a lugares externos de maneira muito mais intensa do que consolidava fluxos e dinâmicas internas.

De toda forma, mesmo espalhado por outras partes do Brasil, foi na sua capital à época, Rio de Janeiro, que ele se consolidou de maneira mais intensa. Já na primeira metade do século XX, ligas de futebol foram formadas e lugares para sua prática foram criados, ambos influenciados pelas atividades comuns e coletivas do período. Se, na capital, tínhamos espaços de expansão sendo estruturados em função do movimento de consolidação industrial do país, marcados pela segregação social que arrefecia nesse período, a dinâmica futebolística refletia esses processos. Nesse contexto, a análise sobre a construção de um estádio de futebol ou sobre a consolidação de um time vai além dos aspectos esportivos e versa sobre as especificidades socioespaciais de uma área.

Se um estádio de futebol é produto de dinâmicas comuns e coletivas, ele também é produtor de espacialidades e sociabilidades, tornando-se influenciado e influenciador. Desse modo, o estádio de São Januário é produto de movimentos sociais complexos do começo do século XX, quando a cidade do Rio de Janeiro e o futebol carioca passavam por momentos de rupturas: aquela buscava superar o modelo de cidade colonial e mergulhar na modernidade; enquanto este, através de embates políticos, dizia ao Vasco que era necessário uma praça esportiva para se adequar à lógica vigente.

O futebol pode ser visto, assim, como um importante caminho de leitura histórica e espacial de lugares da cidade, possibilitando uma interpretação da conformação de determinadas áreas e a constituição de simbologias na produção

espacial referidas a essa prática esportiva. É nesse sentido que se pode apontar a inauguração de São Januário como um elemento de devida importância no próprio processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, além de simbolizar a expansão do futebol para o eixo norte da cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP. Rio de Janeiro: 4ª ed. 156 p., 2006.

ARAGÃO, Isabela Martins. **Caminhos da popularização do futebol nas ruas do Rio de Janeiro: um caso de Polícia (1910-1920)**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em história). Brasília, 2019.

ELIAS, Norbert. **Ensaio sobre o desporto e a violência**. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Futebol, sociedade, cultura: Apontamentos a título de conclusão**. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 365-383.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 14, p. 139-152, 2004.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto. p. 272. 2014.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014**. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 321-346.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006.

MALAIA SANTOS, João Manuel Casquinha. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. Tese de doutorado em história. Universidade de São Paulo, 490 p. 2010.

MALLMANN, Marcela Cockell. **Pelos Becos e pela Avenida da Belle Époque Carioca**. São Gonçalo: Solettras, Ano X, nº. 20, p.105-118, jul./dez. 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. **A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes**. Conexões: Educação, Esporte e Lazer, Campinas/SP, v. 1, n. 2, p. 47-61, 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 256. 2014.

MATIAS, Keidy Narely Costa. **Henri Lefebvre e a dialética da tríade: a produção social do espaço**. Novos Rumos Sociológicos, v. 4, n. 6, p. 155-165, 2016.

MATTOS, Lucas Nascimento de. **Do Centro a São Cristóvão: como o Club de Regatas Vasco da Gama ajuda a explicar a evolução urbana do Rio de Janeiro (1898 -1927)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2019.

MATTOS, Lucas Nascimento de. **Os caminhos da bola: a espacialização dos campos de futebol na cidade do Rio de Janeiro (1900-1919)**. Revista do Departamento de Geografia, v. 42, 2022.

MENEZES, Lená Medeiros de. **A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida**. in MARTINS, Ismênia Lima e SOUSA, Fernando (orgs.) – A Emigração Portuguesa para o Brasil. Porto: CEPES/Edições Afrontamento, p. 103-120. 2007.

MURAD, Maurício. **Futebol e cinema no Brasil: Interações**. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 263-280.

O DR. MARIO Pollo, «leader» dos grandes clubs, fala-nos da scisão. **O imparcial**, Rio de Janeiro, n. 4083, 12 fev. 1924. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=107670_02&pagfis=17397. Acesso em: 16 fev. 2023.

OLIVEIRA, Carla Mary S. **Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico**. Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, n. 3, p. 149-168, 2009.

PRESTES, José Augusto. O officio do Vasco da Gama a A.M.E.A. **O Paiz**, Rio de Janeiro, n. 14.423, 16 abr. 1924. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_05&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=16910. Acesso em: 16 fev. 2023.

ROSENDO, Roberto Cezar. **O Sistema de Inovação do Estado do Rio de Janeiro: Impactos da indústria petrolífera**. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, 2008.

SANTANA, Walmer Peres. **A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2021.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** 4ª ed. São Paulo: Edusp. p. 392. 2017 [1994].

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** 5ª ed. São Paulo: Edusp. p. 120. 2020 [1985].

SANTOS, Tarcyanie C. **Os primeiros passos do profissionalismo ao futebol como megaevento.** Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–INTERCOM, Rio de Janeiro, Brasil. Vol. 22. 1999.

SCHMID, Christian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional.** GEOUSP Espaço E Tempo (Online), v. 16, n. 3, p. 89-109, 2012.

SCHMIDT, Felipe. **A colina que virou Barreira: o Vasco e sua relação com a comunidade.** Globo Esporte, 2017. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/a-colina-que-virou-barreira-o-vasco-e-sua-relacao-com-a-comunidade.ghtml>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Difusão Editorial, 1974.

VENANCIO, Pedro. **Nasce o gigante da colina.** Rio de Janeiro. Maquinária. 128 p. 2014.